

3

A Elisão Nominal em estudo: uma questão de interface

Este capítulo está dividido em três partes. Na primeira, apresentamos o problema investigado, e abordamos a relevância e a profusão de estudos sobre EN no cenário da linguística gerativa, apontando, em contrapartida, a carência de pesquisas sobre EN no PB e a inconsistência dos estudos de EN no contexto em análise. Na segunda, voltamos ao quadro teórico do Programa Minimalista, com ênfase em tópicos de interface pertinentes para nossa pesquisa. A terceira parte se destina a abordar a teoria da Fonologia Prosódica e sua contribuição para análise das questões envolvidas em EN. Além disso, apresentamos conceitos de fonologia relevantes à nossa investigação, bem como os principais processos fonológicos pós-lexicais (sândi e ressilabação) e sua contribuição para análise dos dados. Por fim, valemo-nos de noções de fonética acústica que poderão auxiliar no exame das propriedades físicas dos sons envolvidos nos processos fonológicos mencionados. Encerramos o capítulo com um breve resumo do que foi abordado.

3.1

O problema investigado

O problema investigado no presente trabalho gira em torno do licenciamento de ENs em sentenças coordenadas com a seguinte estrutura interna ao DP:

(90) [Det [[EN [PP]]]]

Nosso ponto de partida foi o contraste anteriormente mencionado de aceitabilidade entre PB e PE. Além disso, a riqueza de estudos sobre o tema nos leva a crer que o fenômeno parece ser universal, na medida em que ocorre em línguas de famílias variadas, como comprovam estudos sobre o tema: Alemão (LOBECK, 1995), a exemplo de (91); Inglês (LOBECK, 1995; MERCHANT, 2001), como (92); Francês (LOBECK, 1995 & SLEEMAN, 1996), conforme ilustra (93); Espanhol (KESTER e SLEEMAN, 2002), como (94); Português Europeu (MATOS, 1992; MARTINHO, 1998 e CLARA, 2008), e Português Brasileiro (CYRINO, 2003 e MATOS, 2001), exemplificados por (95).

- (91) Die *wohnung* von Eneida ist schmutzig aber die [~~wohnung~~] von Joana ist sauber.
- (92) The *students* attended the play but many [~~students~~] left disappointed.
- (93) J'ai vu les *garçons* dans la cour. Les grands [~~garçons~~] jouaient avec les petits [~~garçons~~].
- (94) Joana *escribe* novelas roas, y Iolanda [~~escribe~~] novelas negras.
- (95) O *livro* do João e o [~~livro~~] da Maria são diferentes.

Em Merchant (2001, p. 2), podemos notar o valor conferido pela teoria gerativa ao estudo da elipse a partir da afirmação de que

Ellipses continue to be of central interest to theorists of language precisely because they represent a situation where the mapping of form / meaning, algorithms, structures, rules and restrictions that, in sentences without ellipsis, allow us to map sounds and meanings, not show on the surface. Indeed, elliptical, normal maps seem to be entirely absent. In ellipses, meaning there is no way.

No entanto, apesar de antigo o interesse pelo estudo do vazio linguístico e da profusão de pesquisas sobre elisão no âmbito da linguística gerativa, a literatura sobre EN¹² em Português é voltada essencialmente para o PE e não dá conta de explicar o motivo pelo qual sentenças como (96) e (97)¹³ são agramaticais, enquanto outras como (98) e (99) são gramaticais.

- (96) *O *presente* para o João e o [~~presente~~] para a Maria são bonitos.
- (97) *O *momento* após a prova e o [~~momento~~] após o resultado foram tensos.
- (98) A *encomenda* do João e a [~~encomenda~~] da Maria estão prontas.
- (99) A *casa* com telhado e a [~~casa~~] com laje são grandes.

Nesse sentido, os trabalhos consultados, em especial Martinho (1998)¹⁴ e Clara (2008), resumem-se a apontar restritivamente apenas um reduzido grupo de

¹² Não encontramos outras referências bibliográficas sobre EN em PB no contexto em questão. Em contexto de coordenadas, localizamos apenas um trabalho sobre elisão verbal (Maduro, 2005).

¹³ Sentença extraída de exemplo apresentado no trabalho de Clara (2008, p. 15).

¹⁴ Há uma breve menção em Martinho (1998) sobre a distinção entre construções preposicionais licenciadoras ou bloqueadoras de elisão nominal em contexto em que o artigo definido figura como determinante. Para o autor, a distinção é de natureza semântica, uma vez que apenas

preposições (*de, a, sem e com*) que licenciam EN em estruturas sentenciais coordenadas na estrutura esquematizada em (90), conforme (100) a (103).

(100) O *livro* do João e o [~~livro~~] da Maria são diferentes.

(101) Eles só têm *fotografias* a cores porque ela se recusa a tirar [~~fotografias~~] a preto e branco.

(102) O *jogo* com o EUA e o [~~jogo~~] com o Japão foram difíceis.

(103) O *homem* sem cabelo e o [~~homem~~] sem barba são engraçados.

Dessa maneira, com base em estudos de Martinho (1998), para o PE, e Kester & Sleeman (2002), para o Espanhol, Clara (2008)¹⁵ apresenta sentenças como (104) e (105)¹⁶ como agramaticais, uma vez que as ENs estão precedidas de artigo definido e seguidas de preposições não incluídas no rol taxativo das preposições licenciadoras de EN.

(104) *O *presente* para o João e o [~~presente~~] para a Maria são diferentes.

(105) *A *pessoa* por trás de mim e a [~~pessoa~~] por trás de ti são diferentes.

Assim, é possível deduzir que outras sentenças, como (106) e (107), por exemplo, com preposições estranhas ao grupo restritivo, também seriam agramaticais em PB.

(106) ? A *reclamação* por falta de água e a [~~reclamação~~] por falta de luz foram realizadas.

(107) ? O *presente* pra mim e o [~~presente~~] pra você foram comprados.

sintagmas preposicionais genitivos (subcategorizados por N como agente ou possuidor), isto é, aqueles que predicam/qualificam/especificam o nome, transferem ao núcleo do DP (o artigo definido) o traço [+ específico], permitindo-lhe legitimar o nome vazio. Outros PP's não genitivos, segundo Martinho, por serem adjuntos e não complementos, não transferem esse traço ao artigo, não autorizando a legitimação do nome vazio. A nosso ver, esse argumento não reflete a realidade empírica dos fenômenos de elisão nominal no PB, já que preposições como 'para' e 'pra', podem licenciar elisão nominal, conforme resultados obtidos nos experimentos aqui apresentados. Conforme discutiremos adiante, parece mais produtivo teoricamente analisar a interface sintaxe-fonologia em relação a esse fenômeno.

¹⁵ A hipótese seminal de nossa pesquisa surgiu da leitura de Clara (2008), uma vez que a autora faz certas afirmações para o PE que, a nosso ver, são incompatíveis com a realidade linguística do PB.

¹⁶ Sentenças foram extraídas de exemplos da própria autora (CLARA: 2008, p. 15).

No entanto, de acordo com nossa intuição de falante nativo, sentenças como (106) e (107), são convergentes no PB, colocando em questão a afirmação relativa ao restrito conjunto de preposições licenciadoras.

Além dessa oposição entre o que afirma a literatura sobre o assunto e nossa percepção – no âmbito do PB – sobre o contexto sentencial em estudo, outro fator ganhou destaque em nossa análise: no contraste entre (108) e (109) – sintática e semanticamente¹⁷ idênticas, o licenciamento de (108) parece, a nosso ver, estar associado ao peso silábico da preposição. Assim, *com*, em (108), licencia a sentença, ao passo que *contra*, em (109), não garante sua aceitação.

(108) O *jogo* com a Inglaterra e o [~~jogo~~] com o Japão foram jogos difíceis.

(109) * O *jogo* contra a Inglaterra e o [~~jogo~~] contra o Japão foram jogos difíceis.

Acreditamos, ainda, que talvez mais interessante seria o fato¹⁸ de que alguns falantes do PB apresentam contraste também entre (110) e (111). Ou seja, para eles a contração da preposição em (111) alivia as restrições sobre a EN.

(110) ?O presente para a Maria e o [~~presente~~] para o João foram doados pela igreja.

(111) O presente pra Maria e o [~~presente~~] pro João foram doados pela Igreja.

Estas observações parecem indicar que, além de questões sintáticas e semânticas, aspectos de ordem fonológica, como o peso silábico de certos constituintes, podem determinar o licenciamento de sentenças nesses casos.

Tal hipótese, de alguma maneira, amplia o olhar sobre as condições de licenciamento da elisão nominal, na medida em que questiona se a exigência de identidade sintática e semântica é uma restrição única da gramática para a

¹⁷ Esse contraste derruba o argumento de Martinho (2008), na nota 14 de rodapé, sobre aspectos semânticos na relação entre passagem de traços das preposições genitivas ao artigo definido como fator determinante para o licenciamento das sentenças, uma vez que, nesse caso, as preposições apresentam o mesmo traço semântico.

¹⁸ Esse fato surgiu a partir de um diálogo divergente entre mim e a orientadora Cilene Rodrigues. Para mim, sentenças como (110) e (111) são perfeitamente aceitas, com prevalência para esta última. Para ela, por outro lado, apenas a sentença (111) é gramatical. Partindo desse contraste, postulamos que o peso silábico da preposição poderia ter influência na aceitação de sentenças no contexto em análise, o que ensejou a realização do primeiro experimento da presente pesquisa.

legitimação de ENs e em que medida outros fatores linguísticos podem determinar o licenciamento dessas elipses.

De acordo com Lobeck (1995), a elipse está sujeita a princípios de legitimação formal, conforme visto no capítulo 2. Para Merchant (2001), a elipse exige identidade sintática e semântica.

Com base nessas asserções, as sentenças (104) a (107), tais como os exemplos (109) e (110), satisfazem os princípios de legitimação e identificação, e, portanto, deveriam, conforme os pressupostos apresentados acima, ser gramaticalmente licenciadas.

É possível, assim, depreender que as restrições sintáticas e semânticas disponíveis na literatura não são suficientes para justificar julgamentos de agramaticalidade nos contextos em análise, o que exige recurso a outras componentes gramaticais para a resolução dos casos em exame.

A nosso entender, o fenômeno gira em torno da relação entre estrutura sintática e aspectos fonológicos, associados a questões relativas à formação de domínios prosódicos.

Nesse sentido, levantamos, primeiramente, a hipótese de que preposições com mais de uma sílaba delimitam o início de um domínio prosódico, deixando o artigo definido que a antecede prosodicamente órfão, ou seja, isolado na cadeia da fala, sendo insuficiente para formar um constituinte prosódico, em razão de sua natureza átona, interferindo, assim, negativamente, no licenciamento da sentença, como em (112).

Por outro lado, nossa análise propõe que preposições monossilábicas não delimitam o início de um bloco (113), estando, portanto, no mesmo constituinte prosódico que o artigo, o que favorece o licenciamento da sentença, uma vez que não haverá elemento átono isolado na cadeia da fala.

(112) [...[ConjP e [DP O [SN ~~jogo~~ [Sprep contra [DP O Japão]]]]]
/ e / o / contra o / Japão / (4 blocos prosódicos)

(113) [...[ConjP e [DP O [SN ~~jogo~~ [Sprep com [DP O Japão]]]]]
/ e / o com / o Japão / (3 blocos prosódicos)

Em princípio, nossa análise do fenômeno em tela vai em direção a uma generalização sobre a interface sintaxe-fonologia em contextos sentenciais de ENs com artigo definido seguido de sintagma preposicionado e levanta questionamentos sobre a contribuição do componente fonológico, especialmente a prosódia, para o licenciamento de EN – fenômeno, *a priori*, operado apenas no domínio sintático-semântico.

Diante disso, lançamos mão, inicialmente, de duas hipóteses:

1ª hipótese – o PB licencia EN em DPs contendo preposições diversas daquelas enumeradas taxativamente pelos autores referenciados.

2ª hipótese – O licenciamento de EN em contexto de artigo definido seguido de sintagma preposicionado seria influenciado pelo peso silábico da preposição¹⁹, com preferência por estruturas com preposição leve (monossilábica), em respeito a exigências de natureza prosódica.

Assim, no sentido de testar as hipóteses inicialmente levantadas, foram realizados quatro experimentos: o primeiro destinado a verificar se no PB outras preposições, além das citadas na literatura de referência, igualmente licenciam a elisão nominal no contexto em estudo e se o peso silábico da preposição tem influência na aceitação da sentença. Para tal, testamos a preposição ‘para’ com contração (‘pra’ e ‘pro’) e sem contração. Os demais experimentos buscaram verificar se, e em que medida, processos fonológicos e prosódicos atuam no licenciamento da EN.

Ao longo da pesquisa, contudo, os resultados experimentais geraram a necessidade de novas perspectivas de análise, exigindo um olhar mais amplo para o exame do fenômeno em estudo.

Nesse sentido, além de aspectos relativos a noções como peso silábico e domínios prosódicos, presentes na hipótese inicial, foi necessário recorrer também a conceitos relativos a processos fonológicos como sândi e ressilabação, fenômenos que emergiram no decorrer da pesquisa, como resultado da observação empírica de que o artigo, por ser um elemento clítico, deve necessariamente ser incorporado a um domínio prosódico.

¹⁹ Como será visto adiante, a análise dos dados experimentais, associada à teoria prosódica, refuta essa hipótese inicial, pois revelam que o peso silábico da preposição não interfere na delimitação de bloco prosódico e que o isolamento do artigo na cadeia da fala é resultado de processos como sândi e de problemas de coarticulação de segmento entre fronteiras de palavras.

3.2 O papel da interface sintaxe-fonologia

Para sustentar uma análise baseada na relação entre sintaxe e fonologia, valemo-nos de noções de interface e de conceitos relevantes do estudo da prosódia e de processos fonológicos no PB.

Tomamos como ponto de partida, no presente trabalho, a assunção central de que está na interface entre sintaxe e fonologia o conhecimento do que possa estar ocorrendo para o licenciamento do fenômeno da elisão nominal no contexto estrutural em estudo.

No quadro do Programa Minimalista (PM), perspectiva teórica adotada como essencial em nossa análise, o sucesso na formação de sentenças está associado às relações de interface entre os níveis de representação PF (Phonetic Form, em inglês – Forma Fonética ou Fonológica) e LF (Logical Form, em inglês – Forma Lógica) e seus respectivos sistemas de desempenho: Articulatório-Perceptual e Conceitual-Intencional.

A gramática minimalista toma por base a economia na derivação e na representação dos objetos sintáticos enviados aos níveis de representação PF e LF, por meio da qual se privilegia entre duas possíveis estruturas sentenciais aquela com menor número de operações²⁰ (solução ótima), bem como se fundamenta no Princípio da Interpretação Plena, o qual determina que cada nível de representação conterà apenas aquilo que for interpretável nas interfaces, buscando eliminar objetos supérfluos e redundantes.

Os sistemas C-I e A-P possuem uma estrutura própria e independente de FL. É natural supor que impõem condições sobre FL. Para serem legíveis (usáveis) por estes sistemas, as expressões geradas por FL têm de satisfazer condições de legibilidade impostas por estes sistemas. (CHOMSKY, 1995, p. 25).

As condições a que obedecem as representações (...) aplicam-se apenas na interface, e são motivadas por propriedades da interface; e a maneira correta de interpretar estas propriedades consiste talvez em dizer que são modos de interpretação a que recorrem os sistemas de performance. As expressões linguísticas constituem as realizações ótimas das condições de

²⁰ “ (...) as derivações mais curtas são sempre escolhidas em detrimento das mais compridas” (CHOMSKY, 1995, p. 208).

interface, em que a optimalidade é determinada pelas condições de economia da UG . (CHOMSKY, 1995, p. 247).

Nesse novo cenário de análise, a computação sintática está mais enxuta e parcimoniosa, na medida em que, dentre outras modificações, eliminou níveis de representação meramente sintáticos, considerados redundantes, a partir desse novo olhar de diálogo com outros sistemas cognitivos.

Em linhas gerais, sob o viés minimalista, o componente sintático resume-se a um sistema computacional capaz de gerar infinitamente, com base em regras e restrições formais, objetos sintáticos, a partir da combinação de itens lexicais, extraídos de uma Numeração, combinação essa realizada por meio de um conjunto reduzido de operações. Portanto, o papel do sistema computacional, por sua vez, é selecionar os itens lexicais e combiná-los sucessivamente em sintagmas binários até que cada item tenha sido exaurido da Numeração.

Uma expressão linguística (π, λ) de L satisfaz condições de output nas interfaces PF e LF. Para além disso, π e λ têm de ser compatíveis: um determinado som não pode ter uma significação qualquer. Em particular, π e λ têm como base as mesmas escolhas lexicais. Podemos então considerar que C_{HL} projeta um arranjo A de escolhas lexicais no par (π, λ) . (...) Pelo menos, A tem de indicar quais as escolhas lexicais e quantas vezes cada uma delas é selecionada por C_{HL} na formação de (π, λ) . Vamos definir o conceito de **numeração** (grifo meu) como um conjunto de pares (IL, i) , em que IL é um item do léxico, e i é o seu índice, compreendido como o número de vezes que IL é selecionado. Vamos agora considerar que A é, pelo menos, uma numeração N; C_{HL} projeta N em (π, λ) . O procedimento C_{HL} seleciona um item de N e reduz o seu índice de 1, realizando seguidamente computações permitidas. Uma computação construída por C_{HL} não é considerada uma derivação, e muito menos uma derivação convergente, sem que todos os índices sejam reduzidos a zero. (CHOMSKY, 1995, p. 314)

A partir daí, a fim de satisfazer regras e princípios formais, são aplicadas operações para composição da sentença que satisfaçam o Princípio da Interpretação Plena, ou seja, que cumpram as exigências de cada nível de representação PF e LF.

Basicamente as operações²¹ realizadas pelo sistema computacional no espaço de derivação são: *selecionar*, *conectar*, *mover*²², *copiar*, *apagar* e *Spell-Out*.

²¹ Optamos por não descrever os algoritmos de cada operação sintática mencionada, já que seria tarefa inútil para as discussões teóricas empreendidas neste trabalho.

O processo de derivação será considerado concluído, e sua representação sintática disponível para envio a PF e LF, se e somente se satisfizer duas condições: Numeração reduzida a zero e *Single Root Condition* – que prevê apenas um nóculo raiz para o objeto sintático, não podendo haver ramos de árvores desconectados²³.

Em *Spell-Out*, a representação sobre a sentença derivada será, isoladamente, enviada à PF e à LF, com especificidades formais legíveis naquele e somente naquele nível²⁴. Isso significa dizer que traços fonológicos são enviados exclusivamente ao nível PF, ao passo que traços semânticos são enviados apenas ao nível LF.

Após terem sido úteis para os algoritmos de construção de constituintes prosódicos e para definir contextos de aplicação de regras morfofonológicas, traços formais são apagados em algum ponto entre *Spell-Out* e PF, pois não são interpretáveis pelo sistema A-P. (GUIMARÃES, 1998, p. 17)

Dessa maneira, é possível depreender que, entre a representação fonológica e as informações sintáticas fornecidas após *Spell-Out*, nem sempre há equivalência, tendo em vista que a geração de objetos sintáticos respeita a princípios e restrições às vezes incompatíveis com as exigências de interface entre PF e o sistema A-P.

Com *Spell-Out* – e isso, de fato, interessa ao escopo deste trabalho –, operações fonológicas pós-lexicais²⁵, ou seja, aquelas existentes entre fronteiras de palavras, entrariam em jogo para formar uma representação fonética (derivativa da representação fonológica) a ser descarregada na interface.

²² Chomsky (1995) discute a existência da operação *mover*, ao adotar a posição de que mover é o resultado de copiar + conectar + apagar – discussão essa sem implicações em nosso trabalho.

²³ Essa condição de *Single Root Condition* é questionada dentro da proposta de fases (Chomsky, 2000).

²⁴ “Pressupomos (...) que nos princípios da UG só participam elementos que funcionam nos níveis de interface; nada mais pode ser visto no decurso da computação (...)” (CHOMSKY: 1995, 314)

²⁵ Há um entendimento majoritário (GUIMARÃES: 1998, 90-91) nos estudos gerativos da linguagem de que existe uma espécie de divisão de tarefas fonológicas: processos fonológicos segmentais, também chamados lexicais (aqueles incidentes no interior das palavras ou para sua composição) são operados antes da derivação, na interface fonologia-morfologia; já os processos fonológicos suprasegmentais, também chamados pós-lexicais (aqueles incidentes na fronteira entre palavras) são operados após a derivação, na interface fonologia-sintaxe. Contudo, escapa aos interesses deste estudo a discussão sobre a existência de apenas um componente fonológico para as duas tarefas ou de um componente para cada tarefa. Apesar de não fomentar a discussão, assumimos, para efeitos de análise, haver um componente específico para o processamento de fenômenos pós-lexicais.

Após o mapeamento sintaxe-fonologia, que constrói a hierarquia prosódica, a estrutura sintática remota torna-se inacessível, e todos os processos fonológicos pós-lexicais são sensíveis apenas às fronteiras dos constituintes prosódicos. (GUIMARÃES, 1998, p. 90)

É nesse momento, portanto, que ocorre a aplicação de processos fonológicos, associados a aspectos prosódicos, a exemplo do apagamento²⁶ do artigo definido no contexto da elisão nominal em análise, conforme assevera Chomsky (1995, 286): ‘tem-se defendido a sugestão de que o processo de apagamento pode ser visto como (...) uma operação da componente PF’.

Toda essa formulação teórica pode abrir caminho para a compreensão do fenômeno da EN no PB e, principalmente, sobre os processos de apagamento do artigo definido ocorridos durante a reprodução oral (realizada em testes psicolinguísticos) de sentenças no contexto em análise no presente trabalho.

O fato de um participante do experimento ouvir uma sentença como (114), com a presença do artigo em contexto de E.N, e tender a apagá-lo, sem prejuízo semântico²⁷ - como em (115), parece evidenciar que, efetivamente, há uma discrepância entre a representação sintático-semântica, concebida pelo participante, e a representação fonética, enviada por ele ao sistema de desempenho – conforme verificado em sua reprodução oral.

(114) O *presente* para o João e o [~~presente~~] para a Maria são bonitos (sentença ouvida).

(115) O *presente* para o João e [e] [~~presente~~] para a Maria são bonitos (sentença reproduzida).

²⁶ Assumimos neste trabalho que, à exceção do apagamento de cópia decorrente de movimento, o processo de apagamento de elementos presentes nas sentenças em análise se dá por dois motivos: redundância de item lexical (caso da omissão do núcleo do SN na segunda ocorrência da oração coordenada) ou efeito de processo fonológico pós-lexical (caso do apagamento do artigo definido durante a reprodução oral pelos participantes).

²⁷ Assumimos que, uma vez tratando da interface sintaxe-fonologia, relações semânticas não terão relevância para a análise. Contudo, no experimento quatro, conforme veremos no capítulo 4, ao final da reprodução oral de cada sentença, o participante deveria responder a uma pergunta formulada sobre o conteúdo da sentença ouvida e reproduzida, a fim de garantir sua atenção durante a realização da tarefa. O resultado desses dados, curiosamente, revelou que, não obstante o apagamento sistemático do artigo, no geral, os participantes demonstraram perceber que havia mais de um evento em cada sentença interpretada. No entanto, não foi possível (e esse objetivo foge às pretensões desta pesquisa) depreender se a percepção de pluralidade se deu em razão da marca desinencial contida no verbo plural ou se efetivamente o artigo, apesar de seu apagamento, mantinha sua representação sintática ativa, ou mesmo se houve coexistência dos dois fenômenos.

A nosso ver, esse fato parece confirmar a assertiva chomskyana de que a omissão de itens lexicais é operada após *Spell-Out*, permitindo-nos postular que apagamentos ocorrem na sintaxe não visível, ou seja, no caminho entre a representação sintática e a representação fonética (que é enviada ao sistema A-P), em nível de representação fonológica, sob influência de processos fonológicos e prosódicos.

Contudo, tal fato também nos impõe questões cruciais ao desenvolvimento de nossa pesquisa: (i) o apagamento dos itens em (114) e (115) são de mesma natureza? (ii) por que motivo não houve apagamento de todas as palavras redundantes (e.g. apagamento da preposição)? (iii) que processos estão envolvidos na omissão do artigo definido?

Em geral, as razões que norteiam a omissão pós-sintática de elementos podem responder a três exigências: a primeira diz respeito ao apagamento de cópias criadas via movimento, apagamento esse arbitrário, não opcional, sob pena de inviabilizar a linearização da estrutura sintática (KAYNE, 1994), a exemplo de (116); a segunda, com base no princípio da economia, prevê o apagamento de elementos redundantes, perfeitamente depreensíveis pelo contexto, sem prejuízo das relações sintáticas e semânticas, ou seja, devidamente legitimados e identificados, como no caso da EN em (117); por fim, a terceira possível exigência de apagamento pós-sintático diz respeito à satisfação de regras fonológicas aplicadas entre fronteiras de palavras, conforme (118) e (119).

(116) Quem_i comemorou a vitória do Brasil _i?

(117) Estas *pessoas* votam na Dilma, mas aquelas [~~pessoas~~] votam no Aécio.

(118) A casa azul foi vendida.

[A casazul]^φ [foi vendida]^φ.

(119) A *encomenda* para a Maria e a [~~encomenda~~] para o João foram entregues.

A *encomenda* para a Maria e [~~a~~] [~~encomenda~~] para o João foram entregues.

Nesse sentido, acreditamos que questões de ordem fonológica e prosódica atuam nesse processo e nos auxiliam a compreender a natureza do apagamento do artigo no contexto das sentenças em análise.

Portanto, para uma melhor compreensão dos processos ocorridos na construção da representação fonológica, nesse mapeamento sintaxe-fonologia, e, sobretudo, as operações de apagamento realizadas após *Spell-Out*, precisamos de um aporte teórico consistente no que diz respeito à relação entre elementos suprasegmentais, bem como coerente com as postulações teóricas do formalismo gramatical que norteia a abordagem gerativista da linguagem empregada como suporte de análise no presente trabalho.

3.3 Fonologia Prosódica

A teoria fonológica adotada para análise das questões envolvidas no presente trabalho é a da Fonologia Prosódica, também chamada Teoria da Hierarquia Prosódica (doravante THP).

Nosso posicionamento a favor desta teoria se dá por dois motivos: primeiro porque é a que mais se aproxima do modelo SPE de Chomsky e Halle, em termos de proposta de representação fonológica pós-lexical²⁸, e, por isso, estabelece muitos pontos de diálogo com a teoria gerativa; segundo porque é a teoria que se debruça a descrever e explicar exclusivamente os eventos ocorridos na relação de interface entre sintaxe e fonologia, desempenhando papel complementar à Fonologia Lexical, por exemplo, que estuda a relação entre os componentes fonológico e morfológico e, por isso, dispensa tratamento em nossas discussões.

Surgida em meados da década de oitenta como uma das principais alternativas às teorias fonológicas lineares²⁹, a THP visa estudar fenômenos fonológicos no nível acima do segmento isolado, buscando investigar as relações entre níveis de representação. Para a THP, portanto, as representações fonológicas são resultado de uma arquitetura prosódica organizada em constituintes hierárquicos e não simples sequências de segmentos ou sílabas.

²⁸ Assim como o modelo SPE, a Teoria da Hierarquia Prosódica reconhece dois níveis de representação no componente fonológico: um input para as regras fonológicas pós-lexicais e um input para a implementação fonética.

²⁹ Outras teorias alternativas ao estudo estruturalista da fonologia: Fonologia Lexical e Fonologia Métrica.

Para essa perspectiva teórica, a cadeia da fala é organizada em elementos suprasegmentais com níveis hierárquicos de complexidade estrutural, ou seja, um nível x é o resultado de um ou da combinação de dois ou mais elementos do nível imediatamente inferior, em consonância com o *Strict Layer Hypothesis*, segundo o qual toda unidade prosodicamente segmentada deve ser incorporada à unidade imediatamente superior (SELKIRK, 1984; NESPOR e VOGEL, 1986).

A partir dessas configurações, a relação entre os elementos prosódicos não guarda equivalência obrigatória com constituintes sintáticos, revelando que a hierarquia prosódica é um nível de organização à parte, independente da sintaxe, com seus próprios princípios.

Essa hierarquia prosódica, embora seja construída a partir de informações sintáticas, não apresenta uma isomorfia em relação ao output da sintaxe, caso contrário esse nível intermediário seria absolutamente redundante (GUIMARÃES, 1998, p. 96).

Dessa maneira, a Fonologia Prosódica postula que os processos fonológicos pós *Spell-Out* são sensíveis apenas à Hierarquia Prosódica, não estando disponíveis à estrutura sintática, o que pode contribuir para o entendimento sobre a omissão, em PF, de traços fonológicos, sem prejuízo da representação sintática e de sua interface com LF, como parece ocorrer com o apagamento artigo definido no contexto em análise no presente trabalho.

Além disso, diferentemente do que acontece na sintaxe, a ramificação dos constituintes prosódicos é de estrutura n -ária, ao contrário da estruturação obrigatoriamente binária dos constituintes sintáticos. Tal fato nos ajuda a entender, por exemplo, a interação de três ou quatro elementos prosodicamente fracos (como os clíticos³⁰) para a formação de um domínio prosódico, entendido aqui como um grupo de força³¹ entonacional, delimitado por intervalo entre cada um, em função da velocidade da fala (SILVA, 2007).

Contudo, no arranjo de elementos para a composição de nível imediatamente superior, a hierarquia prosódica apresenta um ponto em comum com a estruturação sintática: a endocentricidade, ou seja, o núcleo é elemento

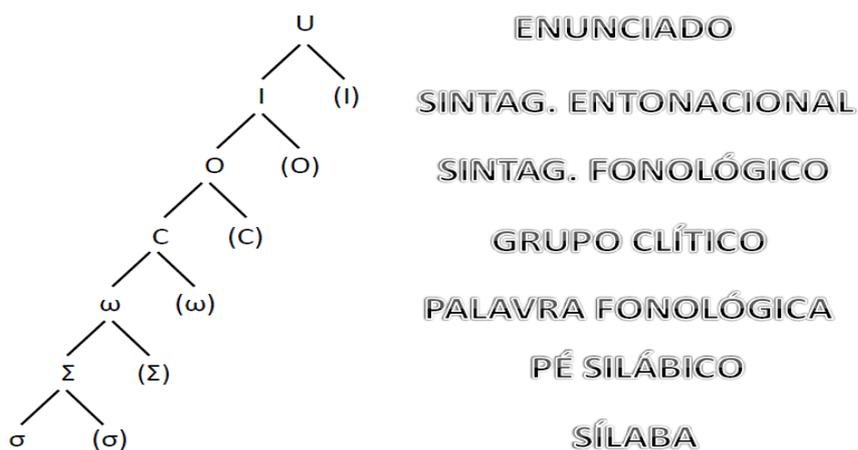
³⁰ “Clíticos fonológicos são palavras sem acento determinado a priori no componente lexical, e que, justamente por isso, precisam estar apoiadas numa palavra acentuada adjacente a fim de serem prosodicamente e metricamente licenciadas”. (GUIMARÃES, 1998, p. 104).

³¹ “Grupo de força é uma sequência de vocábulos sem pausa”. (CÂMARA JR., 2011, p. 63).

central do constituinte e se apresenta como único item obrigatório em sua formação. Isso significa que, por vezes, certo constituinte prosódico pode ser formado a partir de um único elemento do constituinte inferior.

3.3.1 Constituintes Prosódicos

De acordo com a THP, a Hierarquia Prosódica pode ser representada pela escala abaixo, formada por sete níveis de constituintes, organizados em ascendência hierárquica da seguinte maneira: sílaba, pé silábico, palavra fonológica (ou prosódica), grupo clítico, sintagma fonológico (ou frase fonológica), sintagma entonacional e enunciado.



À nossa pesquisa, interessam mais detidamente três componentes prosódicos: grupo clítico, palavra fonológica e sílaba, cada qual por uma razão distinta.

O grupo clítico merece destaque em nosso estudo, já que tomamos por princípio, como asseveram Nespor e Vogel (1986), que este é o menor constituinte pós-lexical, isto é, é o primeiro constituinte da hierarquia prosódica a possibilitar o diálogo fonologia-sintaxe.

Já a palavra fonológica ganha relevo por ser o constituinte mínimo para a configuração de um domínio prosódico, e, portanto, referencial de análise, dado que sílabas e pés silábicos são, em regra, instâncias de relação pós-lexical e

também lexical e, por isso, podem não compor um domínio prosódico independente.

A sílaba, por sua vez, apesar de ser constituinte sem garantia de independência prosódica, apresenta noções fonológicas fundamentais para o nosso trabalho, visto que o contexto sentencial em análise é composto por elementos clíticos átonos, mono e dissilábicos, razão pela qual conceitos como peso e complexidade silábica são de expressiva relevância na configuração do status prosódico desses elementos e podem nos auxiliar na compreensão sobre a interação prosódica ocorrida na reprodução oral das sentenças investigadas.

Prosodicamente, a sílaba³² é o constituinte básico da escala hierárquica, ou seja, é a categoria prosódica de mais baixo grau de complexidade estrutural, conforme vemos em (120). Grosso modo, a sílaba é entendida como “uma construção perceptual, isto é, criada no espírito do falante, com propriedades específicas que não decorrem da simples segmentação fonética das sequências de segmentos” (MATEUS, 2004, p. 9).

(120) O presente para a Maria é bonito.

/O/ /pre/ /sen/ /te/ /pa/ /ra/ /a/ /Ma/ /ria/ /é/ /bo/ /ni/ /to/
/1/ /2/ /3/ /4/ /5/ /6/ /7/ /8/ /9/ /10/ /11/ /12/ /13/

Já o pé silábico (ou pé métrico) é o constituinte que responde pela junção de duas ou mais sílabas, considerando que nessa relação haverá um núcleo (elemento dominante ou cabeça) e seus periféricos (ou recessivos), relação essa estabelecida com base no contraste fonológico forte/fraco. Os pés podem se organizar em dois níveis: binários e n-ários, nível este em que se constitui a palavra fonológica, elemento imediatamente superior na escala hierárquica, como podemos ver em (121) e (122).

(121) paquetá

<pa>quetá

(• • *) pé binário

(• • • • *) pé n-ário (palavra fonológica)

³² Noções fonológicas de sílaba importantes para este trabalho serão apresentadas na subseção 3.3.2.

(122) lâmpada

lâmpa<da>

(* •) pé binário

(* • •) pé n-ário (palavra fonológica)

A palavra fonológica (ou prosódica), por sua vez, pode ser caracterizada como o constituinte que domina o pé silábico, que apresenta apenas um acento primário³³ (NESPOR e VOGEL, 1986) e que está obrigatoriamente associada a um vocábulo de conteúdo (categorias N, V e A)³⁴.

Em termos de interface, a palavra fonológica é o nível da hierarquia prosódica que mantém relação com o componente morfológico, uma vez que, em regra, uma palavra morfológica corresponde a um vocábulo fonológico, como em (123). Contudo, por vezes, essa equivalência não se revela obrigatória, como podemos ver em (124), em que o prefixo ‘pré’ atua como palavra fonológica, dada sua acentuação primária, mas não constitui palavra morfológica.

(123) Café = [café]⁰³⁵ (1 palavra fonológica e 1 palavra morfológica)

(124) Pós-lexical = [pré]⁰ [lexical]⁰ (2 palavras fonológicas e 1 palavra morfológica)

Dessa maneira, por sua intensidade acentual e independência prosódica, a palavra fonológica serve, em regra, de hospedeiro de elementos prosodicamente dependentes, como os clíticos e monossílabos átonos³⁶, por exemplo, que não recebem status de vocábulo fonológico, em razão de sua natureza gramaticalmente funcional e de seu caráter fonológico essencialmente átono, e, portanto, buscam a junção com outro constituinte com o qual possam integrar um bloco prosódico.

(...) as partículas átonas não têm status de vocábulo fonológico. Se proclíticas, isto é, associadas a um vocábulo seguinte, elas valem como sílabas pretônicas desse vocábulo, com marca

³³ “Já sabemos o que vem a ser o acento. É uma força expiratória, ou intensidade de emissão, da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas. (...) A sua presença assinala a existência de um vocábulo”. (CÂMARA JR, 2011, p. 63)

³⁴ “(...) a palavra fonológica inclui um só radical”. (MATEUS, 2004, p. 17).

³⁵ Símbolo que representa o constituinte ‘palavra fonológica’.

³⁶ A exemplo da conjunção ‘e’ e dos artigos definidos – elementos presentes no contexto sentencial em nossa análise.

acentual 1; e, se enclíticas, isto é, associadas a um vocábulo precedente, nada mais são que a sílaba postônica última desse vocábulo com uma falta de intensidade 0. (CÂMARA JR., 2011, p.63).

Nesse sentido, como bem assevera Mateus (2004, p. 18), ‘a palavra prosódica é, portanto, um constituinte prosódico que permite a organização da cadeia fônica, contribuindo para a existência de intervalos regulares entre acentos principais de palavra’.

Essa agregação de um ou mais elementos prosodicamente frágeis a uma palavra fonológica resulta na formação de um constituinte hierarquicamente superior: o grupo clítico³⁷, que, como vimos, está para a sintaxe assim como a palavra fonológica está para a morfologia.

Outro dado importante sobre o grupo clítico³⁸ diz respeito ao fato de que é a partir deste nível da hierarquia prosódica que as regras de sândi externo, tão caras à nossa análise, podem ser aplicadas, como vemos em (125) a (129), ao contrário do que ocorre em níveis prosódicos inferiores como se depreende de (130) a (132)³⁹.

- (125) [pela idade]
 [peidade]^{C40}
- (126) [uma hóspede]
 [umóspede]^C
- (127) [para Anita]
 [paranita]^C
- (128) [o menino]
 [uminino]^C
- (129) [A roupa para as crianças e a para os adultos]⁴¹

³⁷ Não é unânime na literatura a existência do grupo clítico como constituinte da escala prosódica. Selkirk (1984), por exemplo, admite que o ‘grupo clítico’ não passa de uma feição da palavra fonológica, pelo que a chama de palavra fonológica pós-lexical. No entanto, assumimos a distinção de Nespor e Vogel (1986) entre palavra fonológica e grupo clítico, por compreendermos que a inclusão desses dois constituintes numa só categoria pode trazer embaraços desnecessários à teoria, a exemplo da diferença entre palavra fonológica isolada (de origem morfológica/lexical) e palavra fonológica agregada por processo pós-lexical (com a possibilidade de junção de outro elemento à palavra fonológica primária).

³⁸ Representado pela letra C (maiúscula) ao lado direito dos parênteses.

³⁹ Exemplos extraídos de (BISOL, 1996, p. 236).

⁴⁰ Símbolo que representa o constituinte ‘grupo clítico’.

- [[Aroupa]^C [parascriançazia]^C [paruzadultos]^C]
 (130) [alaudista]
 [aludista]
 (131) [maometano]
 *[mometano]
 (132) [baobá]
 *[bobá]

O próximo constituinte na escala da Hierarquia Prosódica é o sintagma fonológico, também denominado frase fonológica.

O elemento proeminente do sintagma fonológico é, em regra, a cabeça lexical forte mais à direita, com inclusão dos elementos do lado não recursivo, excluindo-se, a princípio, elementos ramificados do lado recursivo, que só passarão a integrar o constituinte mediante o processo de reconstrução, favorecido por regras pós-lexicais como o sândi externo. Por isso, em sua composição, não há isomorfismo obrigatório com o sintagma sintático, como podemos ver em (133).

- (133) [^{DP}[O ^{NP}[jornalista]]] [^{VP}[fez [^{DP} [uma ^{NP}[entrevista ^{AP}[interessante]]]]]]]
 [Ojornalista]^Φ 42 [fez]^Φ [umintrevista]^Φ [interessante]^Φ
 (exclusão do elemento do lado recursivo)
 [Ojornalista]^Φ [fezumintrevistinteressante]^Φ
 (inclusão do elemento, após reconstrução mediante aplicação de sândi)

Os dois últimos constituintes da escala prosódica – sintagma entonacional e enunciado - não apresentam relevância para nossas análises, em virtude de suas relações com exigências de natureza semântica e pragmática.

No entanto, de maneira breve, podemos dizer que o sintagma entonacional é resultado de um ou mais de um sintagma fonológico e que sua identificação está ligada a questões de sentido, como foco semântico, e a variáveis de difícil mensuração como a rapidez da fala e a extensão de orações (BISOL, 1996).

⁴¹ Essa é uma das possibilidades de formação de grupos clínicos nesta sentença, como vemos nas análises no capítulo 4.

⁴² Símbolo que representa o constituinte ‘sintagma fonológico’.

Além disso, assim como ocorre no interior e nas fronteiras de grupos clíticos e de sintagmas fonológicos, também pode haver aplicação de regras pós-lexicais, como o sândi, no interior e no limite dos sintagmas entonacionais, a exemplo de (108).

- (134) [Chamaram os idosos e me excluíram da festa]
 [Chamaram]^ω [uzidosos]^C [emiscluíram]^C [dafesta]^C
 [Chamaram]^Φ [uzidosos]^Φ [emiscluíram]^Φ [dafesta]^Φ
 [Chamaram uzidosos]^{L43} [emiscluíram dafesta]^I (junção dos Φ)
 [Chamaram uzidosozemiscluíram dafesta]^I (aplicação de sândi)

O constituinte denominado *enunciado* é, grosso modo, identificado por contornos de entonação presentes no início e no fim de constituintes sintáticos equivalentes a sentenças, com limites fixados por sinais de pausa longa, conforme (135).

- (135) [Nessa prova, eu quero passar.]^{U44} [Agora que é difícil é]^U.

Contudo, a velocidade da fala pode favorecer a aplicação de regras pós-lexicais e promover a reestruturação dos enunciados, integrando-os em um só, como nos mostra (136).

- (136) [Nessa prova, eu quero passaragora que é difícil é]^U. (aplicação de sândi)

Todo esse panorama acerca da hierarquia prosódica nos permite depreender que os constituintes apresentados não são domínios rígidos e revelam diferentes possibilidades de configuração, em virtude de uma série de fatores, como a ocorrência de processos fonológicos pós-lexicais, favorecidos por variados traços prosódicos, como a pausa e a entonação, conforme veremos mais detidamente na subseção 3.3.3.

⁴³ Símbolo que representa o constituinte ‘sintagma entonacional’.

⁴⁴ Símbolo que representa o constituinte ‘enunciado’.

Nesse sentido, frases como (137), extraída do nosso conjunto de sentenças experimentais, poderia apresentar mais de uma configuração em termos de constituintes prosódicos.

- (137) [As roupas para as crianças e as para os idosos foram doadas]
 (137a) [Asroupas]^C [parascriançazi]^C [asparuzidosos]^C [foram]^ω [doadas]^ω
 (137b) [Asroupas]^C [parascriançazias]^C [paruzidosos]^C [foram]^ω [doadas]^ω
 (137c) [Asroupas]^C [parascrianças]^C [iasparuzidosos]^C [foram]^ω [doadas]^ω

Algumas das questões centrais de nossa investigação se lançam exatamente sobre as possibilidades de reconfiguração prosódica de sentenças como (137) no correr de sua reprodução oral pelos participantes dos experimentos realizados na presente pesquisa: (i) de que maneira se comportam os clíticos (conjunção e artigo) do termo coordenado nesse contexto? Comporão eles um só grupo clítico, como em (137b) e (137c) ou ficarão separados, como em (137a)? Quando juntos, eles se agregarão à palavra anterior, como em (137b) ou à posterior, como em (137c)?

Essas e outras questões serão especificamente submetidas à apreciação ao longo do capítulo 4.

3.3.2

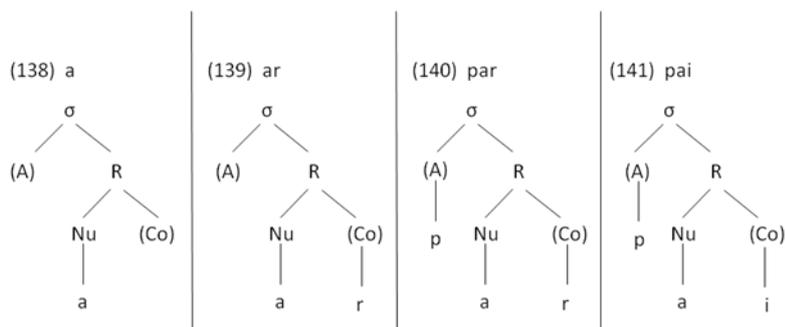
Noções de fonologia: sílaba, clíticos e seu estatuto prosódico.

Antes de avançarmos com as teorias sobre processos fonológicos necessárias à nossa análise, devemos extrair da literatura linguística noções de sílaba que serão úteis para fundamentar uma reflexão sólida sobre os processos de junção e apagamento em destaque nesta pesquisa.

A importância do estudo da sílaba se deve ao fato de ‘que toda a sequência fonológica é exaustivamente dividida em sílabas, isto é, qualquer segmento tem de ser associado a uma sílaba’ (BISOL, 1996, p. 91).

O conceito de sílaba que importa à nossa investigação foi extraído da teoria métrica de Selkirk (1984), para quem as sílabas são estruturadas com

‘ataque’ e ‘rima’⁴⁵, sendo esta dividida em núcleo e coda, como ilustrado em (138) a (141).



Com base nessa estrutura (ataque e rima), pode-se falar em sílabas pesadas, que apresentam elemento em coda, como (139) a (141), e sílabas leves, que não apresentam elemento na posição coda, conforme (138).

A composição da sílaba deve respeitar a escala de sonoridade, segundo a qual o ataque e a coda devem estar em direção crescente com relação ao núcleo, considerado o ápice da sílaba e único elemento essencial à sua formação, e composto obrigatoriamente por segmentos com forte tonicidade, conforme expõe Câmara Jr. (2011, p.53): “é normalmente a vogal, como o som vocal mais sonoro, de maior força expiratória, de articulação mais aberta e de mais firme tensão muscular, que funciona em todas as línguas como centro de sílaba”.

Bisol (1996) nos fornece uma escala de níveis de sonoridade por grupos de segmentos, numa perspectiva auditiva, na qual vogais estão no topo da escala, com grau 3, consoantes líquidas (laterais e vibrantes, em termos articulatórios) apresentam grau 2, nasais estão no nível 1 e na base da escala, com grau zero de tonicidade, figuram as obstruintes (oclusivas, fricativas e africadas, em termos articulatórios). Isso significa que para satisfazer a condição de sequência de sonoridade⁴⁶ (BISOL, 1996) o ataque deve se apresentar em ascendência sonora, com relação ao núcleo, enquanto a coda, em movimento descendente após o núcleo.

Tal escalonamento nos ajuda a entender fenômenos interessantes do universo fonológico, como, por exemplo, a divisão silábica de palavras como (142).

⁴⁵ “Qualquer categoria, exceto o núcleo, pode ser vazia” (BISOL, 1996, p. 92). O sinal de parêntese marca essa facultatividade.

⁴⁶ Condição associada à generalização de Selkirk (1984): Sonority Sequencing Generalization.

(142) p a s – t a
 0 3 0 0 3

(142a) *p a – s t a
 0 3 0 0 3

Em (142), a separação das sílabas respeita a escala de sonoridade, visto que os elementos adjacentes se dirigem em movimento ascendente ao núcleo. Contudo, em (142a) a formação da segunda sílaba viola a mencionada escala, uma vez que o primeiro segmento ('s' – obstruente contínua) apresenta o mesmo grau zero do segundo segmento ('p' – obstruente descontínua).

Além disso, segundo Bisol (1996), outro princípio estaria sendo severamente desrespeitado nesse caso: o de evitar sequência de segmentos semelhantes na sílaba, ou seja, o princípio que proíbe que elementos idênticos adjacentes componham o mesmo nó estrutural silábico.

Já com relação à sonoridade das vogais, Câmara Jr (2011) classifica acentualmente as sílabas, com base numa escala de intensidade que varia também de 0 a 3, da seguinte maneira: clíticos e monossílabos átonos, bem como vogais postônicas e semivogais⁴⁷ recebem o grau 0; vogais pretônicas⁴⁸ são classificadas no nível 1; aquelas de acento secundário são grau 2; e, por fim, as tônicas são nível 3.

Dessa maneira, a escala nos auxilia na identificação de vocábulos fonológicos, a partir da presença de uma tonicidade 2 e 3 em contraste com sílabas de nível 0 e 1, como podemos ver em (143a) e (143b), em que a composição de palavras fonológicas, dada por processos pós-lexicais de junção, redefine níveis de intensidade silábica.

(143) Tu falas hoje.

(143a) Tu /fa-las/ /ho-je/
 3 0 3 0

(143b) Tu /fa-la-zo-ji/

⁴⁷ “(...) a vogal assilábica também é chamada com razão semivogal, ou seja, uma vogal pela metade”. (CÂMARA JR., 2011, p. 54)

⁴⁸ “(...) as sílabas pretônicas, antes do acento, são menos débeis do que as postônicas, depois do acento”. (CÂMARA JR., 2011, p. 63).

2 1 3 0

O grau de tonicidade de um elemento linguístico pode, portanto, determinar seu status como constituinte prosódico. Nesse sentido, considerando serem assilábicas as semivogais /i/ e /u/, bem como os clíticos e monossílabos átonos, por ausência de tonicidade necessária, e tendo em vista que a constituição de vocábulo fonológico exige acentuação primária, é possível concluir que a conjunção ‘e’ e os artigos definidos ‘o’ e ‘a’, clíticos⁴⁹ empregados nas sentenças-alvo dos experimentos desta pesquisa, não podem ser classificados como constituintes prosódicos independentes, devendo agregarem-se a palavras fonológicas no correr da cadeia da fala e formarem, assim, grupos clíticos, como ilustra (144a).

(144) [As rou/pas] [pa/ra as cri/an/ças e a pa/ra os i/do/sos]

0 3 / 0 2 / 0 0 1 / 3 / 0 0 0 2 / 0 0 1 / 3 / 0

(144a) [As/rou/pas]C [pa/ras/cri/an/ça/zi/a/pa/ru/zi/do/sos]C

1 3 / 0 1 / 1 / 1 / 2 / 1 / 1 / 1 / 1 / 1 / 1 / 3 / 0

Em (144a), houve a redefinição dos níveis de tonicidade silábica, com a aplicação de processos fonológicos pós-lexicais, a partir dos quais os elementos clíticos em jogo foram alçados ao status de vogais pretônicas de nível 1.

Outros fenômenos prosodicamente interessantes também podem ocorrer na junção de elementos assilábicos, como clíticos e monossílabos átonos: a formação de uma sílaba, à feição de um ditongo, como em (145) e (146); ou, até mesmo, a constituição de um pé métrico, com a formação de um hiato, em função de traços como pausa e entonação, como em (147)

(145) O presente para a Maria [e] [o] para o João.

O presente para a Maria [i U⁵⁰] para o João. (ditongo / uma sílaba)

3 0

(146) A carta para mim [[e] [a]] para você.

⁴⁹ “Clíticos são (...) categorias morfológicas no léxico, mas identificadas apenas como sílabas, em termos prosódicos”. (BISOL, 1996, p. xxx).

⁵⁰ Representa o glide ‘u’, notação extraída de http://www.fonologia.org/quadro_fonetico.php, em agosto de 2014.

A carta para mim [I⁵¹ a] para você. (ditongo / uma sílaba)

(147) A carta para mim [[e] [a]] para você.

A carta para mim [i / a] para você. (hiato / duas sílabas = um pé)

A diferença entre os fenômenos em (146) e (147) está no estatuto fonêmico dos clíticos. Esse ‘o’ artigo é fonemicamente o glide⁵² [U] e não pode ocupar posição tônica (SILVA, 2012). Já o artigo ‘a’, equivalente ao fonema [a], é fonemicamente mais forte por se tratar de segmento empregado em posições tônicas, pré e pós-tônicas. Daí que, em função da velocidade da fala e das marcas de entonação, a interação pós-lexical desses elementos pode resultar em ditongo ou hiato, de acordo com a característica de seus respectivos clíticos.

Como foi possível verificar, a organização interna da cadeia da fala, dentro dos limites do enunciado, busca integrar elementos prosodicamente órfãos a estruturas constituintes independentes, a fim de cumprir exigências da interface sintaxe-fonologia e evitar a violação do princípio de licenciamento prosódico⁵³.

Além disso, vimos que essa interação de constituintes para formação de domínios prosódicos varia em função de processos fonológicos aplicados pós *Spell-Out*, como o sândi e a ressilabação, conforme veremos na próxima subseção.

3.3.3

Processos fonológicos pós-lexicais: sândi e ressilabação.

Ao longo deste capítulo, referimo-nos, por diversas vezes, aos fenômenos fonológicos que operam pós *Spell-Out*, ou seja, fenômenos pós-lexicais, ocorridos na relação da interface sintaxe-fonologia.

Em nossa abordagem, ganhou destaque o processo conhecido por sândi, que, como veremos, oferece o argumento decisivo para a análise dos processos de reorganização dos constituintes e apagamento do artigo nas sentenças do contexto investigado.

⁵¹ Representa o glide ‘i’, notação extraída de http://www.fonologia.org/quadro_fonetico.php, em agosto de 2014.

⁵² “Os glides são sempre associados a uma vogal e nunca podem ser núcleo de sílaba”. (CÂMARA JR., 2011, p. 171).

⁵³ Todas as unidades prosódicas de um determinado nível devem pertencer a estruturas prosódicas hierarquicamente superiores. (...) nenhum segmento pode aparecer na representação fonológica não associado a um nós silábico, nenhum sílaba pode aparecer na representação não associada a um pé, e assim por diante. (ITÔ: 1986, p. 2, apud BISOL, 1996, p. 103).

O sândi, em linhas gerais, é o processo de alteração de um segmento sonoro que ocorre entre sílabas ou palavras, a partir do qual o elemento terminal de um constituinte – que pode ser vogal ou consoante – se liga ao elemento vocálico inicial do constituinte imediatamente seguinte a ele, a exemplo de (148) e (149).

(148) co-operar

coperar (houve elisão de uma das vogais ‘o’)

(149) os amores

ozamores (houve alteração no segmento consonantal)

As regras do sândi podem ter dois macrodomínios de aplicação: o lexical (no interior das palavras), como em (148), onde se aplicam regras de sândi interno; e o pós-lexical (entre palavras), no qual atua o sândi externo, conforme (149).

Nosso foco é o sândi ocorrido no nível pós-lexical, isto é, o processo de ligação entre segmentos de palavras distintas e a consequente alteração sonora de um dos segmentos.

As regras do sândi externo podem atuar em dois contextos segmentais distintos: entre vogais ou entre consoante final e vogal inicial, a exemplo, respectivamente, de (150) e (151).

(150) para o lado

paru lado

(151) dois mil e um

dois milium

O sândi externo vocálico pode ser dividido em três processos:

1 – elisão – ocorre apenas com vogais átonas e afeta a vogal alta /a/. Não ocorre no interior de palavra, mas apenas entre palavras, como ilustram (152) e (153).

(152) menina humilde

meninumilde

- (153) casa escura
caziscura

2 – degeminação – ocorre entre duas vogais semelhantes. A segunda não pode ter acento primário. Ocorre, em regra, entre palavras, a exemplo de (154) e (155).

- (154) do oceano
doceano

- (155) se esquece
sisquece

3 – ditongação – ocorre entre palavras e apenas com vogais átonas. Ao contrário dos processos anteriores, não há segmento apagado, como podemos depreender de (156) e (157), exemplos retirados da literatura (COSTA, 2008, p. 33), bem como de (158) e (159), sentenças extraídas do corpus da presente pesquisa.

- (156) tant[o] [a]ssim
tant[Ua]ssim

- (157) ela estav[a] [u]sando
ela estav[aU]sando

- (158) O presente para a Maria [e] [o] para o João
O presente para a Maria [iU] para o João

- (159) A carta para mim [e] [a] para você
A carta para mim [Ia] para você

O sândi externo “consonantal”⁵⁴, por sua vez, é aplicado sob o domínio de todos os constituintes prosódicos, a partir do grupo clítico, e ocorre quando há interação de consoantes fricativas, laterais, vibrantes ou nasais com a vogal inicial da palavra seguinte.

- (160) as casas abertas

⁵⁴ As aspas representam termo empregado de improviso, em razão da ausência de terminologia específica para o fenômeno. Chamamos *sândi externo consonantal* a alteração do segmento sonoro consonantal – em fim de palavra em contato com a primeira vogal da palavra seguinte.

- as casazabertas
- (161) as mil e uma noites
as miliuma noites
- (162) o amor antigo
o amorantigo
- (163) nem um nem outro
ne η um ne η outro⁵⁵

O efeito imediato da aplicação das regras de sândi em níveis pós-lexicais é a ressilabação, entendida como o processo de redefinição de estruturas silábica, resultante das relações dinâmicas entre os constituintes prosódicos.

As palavras entram em uma frase com suas sílabas já formadas. Ao se encontrarem com outras palavras em níveis superiores da hierarquia prosódica estão sujeitas a uma grade rítmica. Assim, as suas sílabas podem se perder, ou podem formar novas sílabas ou podem reassociar seus elementos. (ABAURRE e PAGOTOO, 1996, p. 503).

A ressilabação, portanto, é um fato prosódico comum e auxilia na reorganização da cadeia da fala, promovendo o ajuste necessário para o licenciamento dos constituintes dependentes, a exemplo dos clíticos.

O processo de reestruturação silábica entre consoantes e vogais, derivado do sândi externo “consonantal”, é fortemente marcado pela tendência universal de silabação primária C-V, como podemos notar pelos exemplos (160) a (163).

Em resumo, na cadeia da fala, a tendência é haver a ligação entre palavras que possam formar um mesmo grupo de força, ou seja, um bloco prosódico. Dessa maneira, vogais átonas e elemento clíticos, como vimos, por sua natureza prosodicamente dependente, são sensíveis a esses processos, tendo em vista que necessitam de um constituinte com tonicidade para compor um nó silábico e preservar o princípio do licenciamento prosódico.

⁵⁵ η representa o som ‘nh’.

As possibilidades de combinação de constituintes e, com efeito, de rearrumação de sílabas é variada e está sujeita à influência de traços prosódicos, como duração e entonação, como veremos a seguir.

3.3.4

Traços prosódicos e análise acústica dos dados.

De acordo com o Dicionário de Termos Linguísticos ILTEC⁵⁶, traços prosódicos são elementos de variação da fala que envolvem mais do que um segmento, isto é, mais do que uma consoante, vogal ou semivogal.

Os principais traços suprasegmentais ou prosódicos são: o acento⁵⁷, a duração, e a entonação.

Para Mateus (2004), a duração refere-se ao tempo de articulação de um som, sílaba ou enunciado e varia conforme a velocidade de elocução, numa relação inversamente proporcional, ou seja, quanto maior a velocidade, menor a duração da unidade pronunciada.

Já a entonação, para a mesma autora, diz respeito à pronúncia intensa e sequenciada de segmentos de tons de palavra ou grupo de palavras.

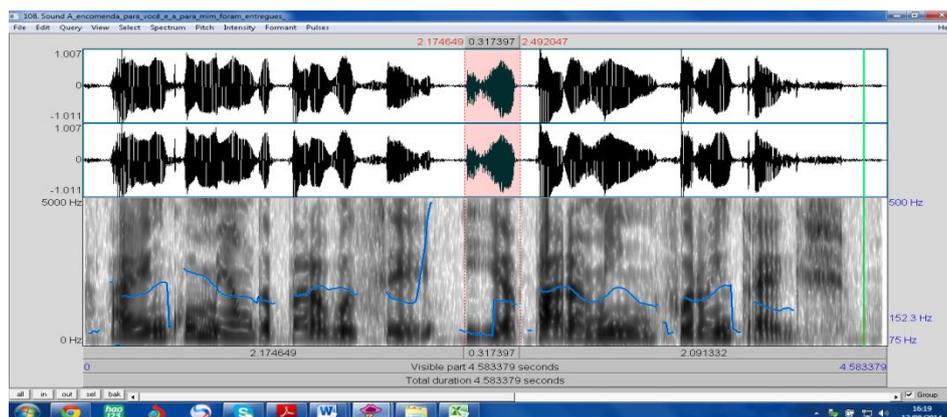
A entonação está para a intensidade, na mesma relação diretamente proporcional em que a duração está para a pausa. Isso significa dizer que intensificar a pronúncia de certo elemento na cadeia da fala reforça sua tonicidade, bem como pronunciar os constituintes de maneira pausada pode garantir a identidade sonora de seus elementos.

A combinação desses traços afeta substancialmente elementos sem matriz primária de tonicidade, como os clíticos, conforme podemos ver nos exemplos a seguir.

(164) A encomenda para você e a para mim foram entregues.

⁵⁶ ILTEC – Instituto de Linguística Teórica e Computacional (Universidade do Porto). Extraído de <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=652>, em agosto de 2014.

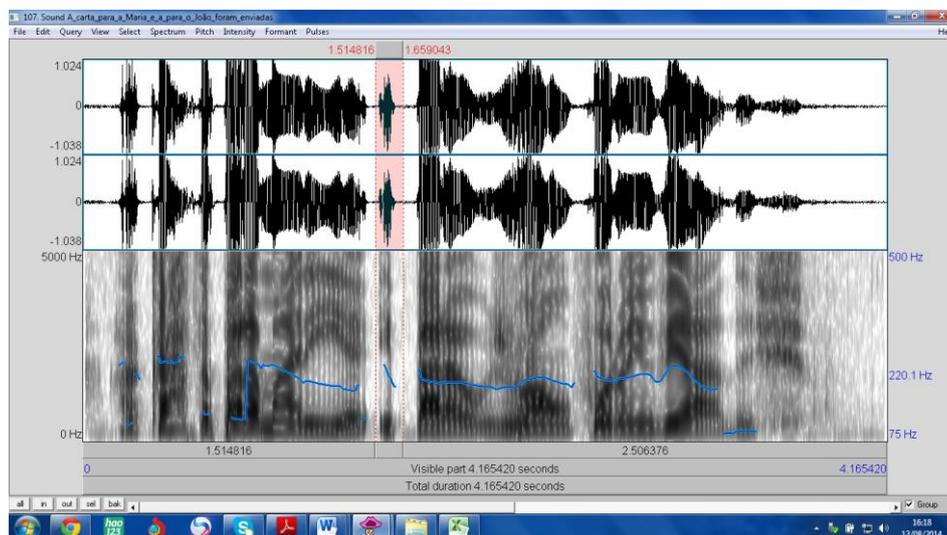
⁵⁷ Questões sobre acento foram abordadas na subseção 3.3.2. Dessa maneira, dispensamos nova abordagem nesta subseção.



A imagem acústica de (164) mostra, em destaque, o momento da pronúncia da conjunção ‘e’ seguida do artigo ‘a’, que, nesse caso, formam um hiato. A constituição desse domínio independente se deu em função de uma entonação localizada, associada a uma pronúncia com pausa.

É possível também haver situações em que a pronúncia mais marcada da conjunção ‘e’, que eleva sua duração, provoque o isolamento do artigo seguinte na cadeia da fala, deixando-o sujeito ao processo de elisão, a exemplo de (165).

(165) A carta para a Maria e a para o João foram enviadas.

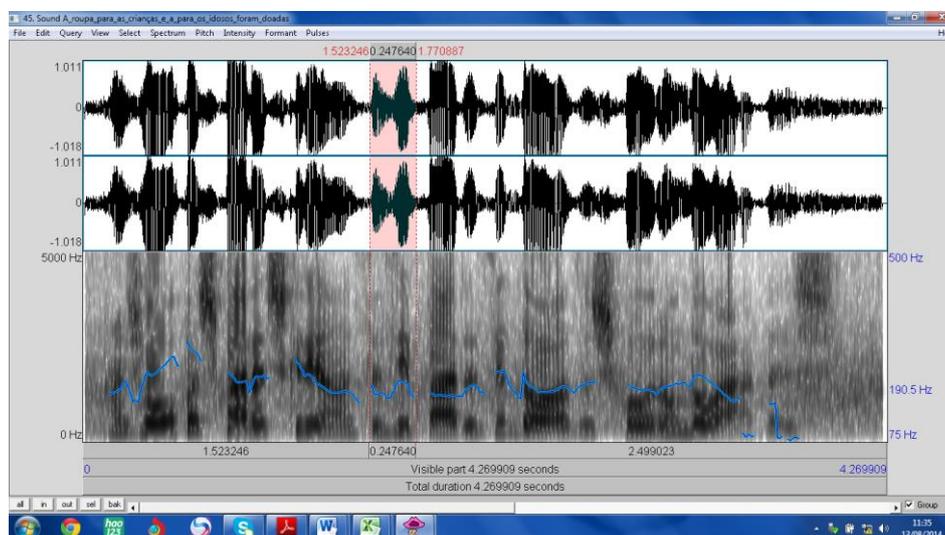


Esse apagamento pode ser resultado de problemas de coarticulação entre o segmento sonoro átono e o segmento surdo, na interação do artigo, elemento prosodicamente órfão, com o segmento imediatamente posterior (plosivo ‘p’ da

preposição ‘para’)⁵⁸. Além disso, o fato de que uma vogal se encurta diante de uma consoante [- vozeada] pode reforçar a opção pelo apagamento do artigo, tendência verificada na análise dos dados experimentais gerados nesta pesquisa.

Contudo, considerando que processos fonológicos precedem as relações de interface com o sistema A-P, a velocidade da fala, processo essencialmente fonético, pode ser favorecida pela possibilidade da ocorrência de sândi externo, a exemplo do que ocorre em (166).

(166) A roupa para as crianças e a para os idosos foram doadas.



O recorte no espectrograma de (166) mostra o instante de pronúncia da conjunção ‘e’, sem presença do artigo, ligada por sândi ao segmento fricativo anterior. Nesse caso, a possibilidade de ocorrência do processo pós-lexical de ligação favoreceu uma reprodução oral menos pausada, ao contrário do ocorrido em (165).

No entanto, em (166) houve também a elisão do artigo definido, já que a agregação isolada do ‘e’ ao segmento anterior, por sândi, deixa novamente o artigo definido isolado e, portanto, sujeito aos mesmos problemas: coarticulação e encurtamento.

⁵⁸ Esse problema de coarticulação parece ser procedente, a partir da observação, baseada em consulta no Dicionário Houaiss Eletrônico, de que no inventário lexical do português consta apenas uma palavra nesse contexto (sonoro átomo – surdo): upanixade. A interjeição ‘upa’, também integrante de nosso léxico, apresenta segmento sonoro tônico.

As análises sobre as sentenças (164) a (166) parecem revelar que o fenômeno de apagamento (ou manutenção) do artigo está diretamente associado a diferentes possibilidades de variação da fala, determinadas pela manipulação de traços prosódicos como duração e entonação, bem como a processos fonológicos pós-lexicais, como o sândi externo.

Em síntese, esses dados e colocações teóricas trazem algumas consequências para nossa análise: (i) vogais átonas, por sua natureza clítica, não delimitam bloco prosódico; (ii) duas vogais seguidas e separadamente átonas podem, se juntas, formar ditongo ou, a depender da entonação, hiato; (iii) dada sua natureza fonológica e prosodicamente frágil, vogais átonas estão radicalmente sujeitas a processos fonológicos como sândi e ressilabação; e (iv) a ocorrência de processos fonológicos e a variação na incidência de traços prosódicos (como a duração e entonação) reconfigura as relações prosódicas no segmento onde atua, influenciando, assim, na manutenção ou apagamento de clíticos, a exemplo do artigo definido nos contextos em foco no presente trabalho.

3.4 Resumo

Neste capítulo, apresentamos, inicialmente, o problema que motivou nossa investigação: a inconsistência explicativa dos estudos sobre elisão nominal em orações coordenadas no Português, bem como a contradição entre a afirmação da literatura sobre as ocorrências do fenômeno no Português Europeu e a realidade linguística do Português Brasileiro. Em seguida, abordamos teoricamente as relações de interface sintaxe-fonologia, dentro do quadro do Programa Minimalista, e sua interação com o fenômeno de elisão em estudo. Por fim, apresentamos e discutimos as implicações da Teoria da Hierarquia Prosódica e de conceitos da fonologia para a análise dos eventos investigados.

No próximo capítulo iremos apresentar e discutir os experimentos realizados ao longo de nossa pesquisa.